



Intercontinental Journal on Physical Education

<http://www.ijpe.periodikos.com.br/>

Corpo, cultura e ancestralidade: a valorização da cultura afro-brasileira na educação física escolar

Body, culture and ancestry: the appreciation of afro-brazilian culture in school physical education

Cuerpo, cultura y ancestralidad: la valoración de la cultura afrobrasileña en la educación física escolar

Moniky de Carvalho Martins

Universidade Salgado de Oliveira, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil.

Edson Farret da Costa Junior  

Universidade Salgado de Oliveira, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo: Este estudo busca compreender a importância da valorização da cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física escolar, especialmente por meio das danças e práticas corporais de matriz africana, como capoeira, jongo, maculelê e samba de roda. Trata-se de uma revisão bibliográfica e documental de abordagem qualitativa e caráter descritivo. Foram analisados artigos, dissertações, teses e documentos oficiais (BNCC, Lei nº 10.639/2003) que discutem a integração da cultura afro-brasileira ao currículo escolar. Os resultados evidenciam que tais manifestações favorecem o desenvolvimento motor, afetivo e social dos alunos e contribuem para a construção de uma educação antirracista, plural e inclusiva. Além disso, reforçam a necessidade de uma Educação Física que acolha a diversidade, rompendo com práticas discriminatórias e eurocêtricas. Conclui-se que inserir conteúdos afro-brasileiros nas aulas de Educação Física amplia o repertório cultural dos estudantes e fortalece a identidade e a autoestima dos sujeitos, em consonância com as diretrizes para uma formação cidadã e democrática.

Palavras-chaves: Educação Física; Cultura afro-brasileira; Antirracismo; Dança; Escola.

Abstract: This study aims to understand the importance of valuing Afro-Brazilian culture in school Physical Education classes, particularly through African-based dances and body practices such as capoeira, jongo, maculelê, and samba de roda. It is a bibliographic and documentary review with a qualitative and descriptive approach. Articles, theses, dissertations, and official documents (BNCC, Law No. 10.639/2003) addressing the integration of Afro-Brazilian culture into the school curriculum were analyzed. The findings reveal that these manifestations promote students' motor, affective, and social development, while contributing to the construction of an anti-racist, plural, and inclusive education. Furthermore, they emphasize the need for a Physical Education that embraces diversity and overcomes discriminatory and Eurocentric practices. It is concluded that including Afro-Brazilian cultural content in Physical Education classes broadens students' cultural repertoire and strengthens their identity and self-esteem, in line with the guidelines for citizenship and democratic education.

Keywords: Physical Education; Afro-Brazilian culture; Anti-racism; Dance; School.

Resumen: Este estudio busca comprender la importancia de valorar la cultura afrobrasileña en las clases de Educación Física escolar, especialmente mediante las danzas y prácticas corporales de origen africano, como la capoeira, el jongo, el maculelê y la samba de roda. Se trata de una revisión bibliográfica y documental con enfoque cualitativo y carácter descriptivo. Se analizaron artículos, tesis, disertaciones y documentos oficiales (BNCC, Ley Nº 10.639/2003) que abordan la integración de la cultura afrobrasileña en el currículo escolar. Los resultados



Intercontinental Journal on Physical Education

<http://www.ijpe.periodikos.com.br/>

muestran que tales manifestaciones favorecen el desarrollo motor, afectivo y social de los estudiantes y contribuyen a la construcción de una educación antirracista, plural e inclusiva. Además, refuerzan la necesidad de una Educación Física que acoja la diversidad y rompa con las prácticas discriminatorias y eurocéntricas. Se concluye que incluir contenidos afrobrasileños en las clases de Educación Física amplía el repertorio cultural de los estudiantes y fortalece su identidad y autoestima, en coherencia con las directrices para una formación ciudadana y democrática.

Palabras clave: Educación Física; Cultura afrobrasileña; Antirracismo; Danza; Escuela.

INTRODUÇÃO

A integração da cultura afro-brasileira ao currículo escolar, determinada pela Lei nº 10.639/2003, não deve limitar-se a conteúdos teóricos ou a disciplinas isoladas. No campo da Educação Física, essa integração se materializa por meio de práticas corporais que celebram a ancestralidade e reforçam a identidade étnico-racial dos estudantes. De acordo com Crelier e Silva (2018), reconhecer a africanidade e a afrobrasilidade na escola é um passo essencial para romper com o eurocentrismo e valorizar saberes historicamente marginalizados.

A escola é um espaço privilegiado de socialização e formação cidadã, responsável por promover a convivência democrática e o respeito às diferenças. Nela, a Educação Física assume papel fundamental na valorização das múltiplas manifestações culturais, podendo contribuir diretamente para a construção de uma educação antirracista e plural (Dos Santos & Soares, 2021). Por meio da dança, das práticas rítmicas e expressivas, torna-se possível ensinar de forma inclusiva e significativa as tradições de diferentes povos, especialmente aquelas oriundas das matrizes africanas e afro-brasileiras, como o jongo, o maculelê, a capoeira e o samba de roda.

A dança constitui uma das expressões mais ricas da motricidade humana, articulando dimensões corporais, simbólicas e culturais que traduzem modos de ser e de estar no mundo. No contexto escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, ela representa uma oportunidade singular de desenvolver competências motoras, afetivas e sociais, ao mesmo tempo em que possibilita o reconhecimento da diversidade e da ancestralidade presentes na cultura brasileira (Soares et al., 2021).

Contudo, ainda persistem lacunas e resistências no trato pedagógico da temática racial. Da Silva e Devede (2009) demonstram que a linguagem discriminatória e os etnométodos de exclusão permanecem presentes em contextos escolares e esportivos, reforçando estereótipos



que invisibilizam a cultura afro-brasileira. Gonçalves e Silva (2023) acrescentam que uma Educação Física que “não escolhe, acolhe” é aquela que reconhece e respeita a diversidade corporal e cultural, promovendo práticas emancipatórias e humanizadoras.

Sob essa perspectiva, as manifestações corporais afro-brasileiras, quando incorporadas às aulas, fortalecem o sentimento de pertencimento e autoestima dos estudantes, em especial daqueles que se reconhecem na ancestralidade africana. Para Carlos, Soares e da Costa Júnior (2025), experiências psicomotoras que integram corpo, emoção e cultura possibilitam aprendizagens mais significativas e coerentes com a realidade dos alunos. Assim, trabalhar a cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física é também trabalhar o reconhecimento de si, do outro e da coletividade, transformando o espaço escolar em um território de diálogo, identidade e resistência.

Diante disso, o presente estudo tem por objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica e documental, de que forma a valorização da cultura afro-brasileira vem sendo incorporada às práticas pedagógicas da Educação Física escolar. Busca-se discutir a relevância dessas manifestações para a construção de uma educação crítica, inclusiva e antirracista, capaz de contribuir para o fortalecimento das identidades culturais e para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Cultura afro-brasileira e educação

A cultura afro-brasileira constitui uma das matrizes fundadoras da identidade nacional e um eixo essencial da formação cidadã. Reconhecer sua presença nas práticas escolares significa compreender o Brasil como um país plural, formado por povos, saberes e expressões que dialogam entre si e resistem às tentativas históricas de apagamento. Segundo Munanga (1999), a valorização da cultura afro-brasileira é um ato de reconhecimento das identidades e de enfrentamento do mito da democracia racial, ainda reproduzido no ambiente escolar.

No campo da Educação, Nilma Lino Gomes (2005) destaca que a promoção da igualdade racial deve transcender a inclusão de conteúdos pontuais e perpassar todas as



dimensões do currículo, transformando-o em espaço de reconstrução das narrativas negras e afrodescendentes. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2011), ao relatar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, reforça que o ensino da história e cultura afro-brasileira deve contribuir para a desconstrução de estereótipos e para o fortalecimento das identidades.

Azoilda Loretto Trindade (2005) acrescenta que educar para a diversidade implica reconhecer a pluralidade como princípio formativo e o corpo como território simbólico de resistência. Para a autora, a escola precisa ser um espaço de convivência democrática, onde as diferenças são compreendidas como potências educativas e não como barreiras à aprendizagem. Essa concepção dialoga com Hall (1992), que entende a identidade cultural como uma construção histórica e dinâmica, marcada por relações de poder e por processos contínuos de resignificação.

Nesse sentido, a Educação Física escolar assume um papel decisivo. Crelier e Silva (2018) defendem que o ensino das culturas afro-brasileiras por meio das práticas corporais possibilita aos estudantes vivenciarem experiências de ancestralidade, pertencimento e solidariedade. Assim, a escola torna-se um espaço de reconstrução simbólica, no qual o corpo e o movimento revelam a riqueza das tradições afrodescendentes e contribuem para a formação de uma sociedade mais justa e plural.

Currículo afrocentrado e Educação Física escolar

O currículo, entendido como território político e cultural, reflete as disputas de poder que definem quais saberes são legitimados. Para Dos Santos e Soares (2021), o currículo afrocentrado surge como proposta epistemológica que reposiciona as culturas africanas e afro-brasileiras no centro do processo educativo, superando a lógica eurocêntrica que ainda orienta muitas práticas pedagógicas.

Paulo Freire (1987) já afirmava que a educação libertadora deve reconhecer o oprimido como sujeito de conhecimento, e não como objeto de ensino. Essa perspectiva freireana orienta o currículo afrocentrado, que valoriza a escuta, o diálogo e o reconhecimento da experiência



corporal e cultural dos estudantes. Petronilha Silva (2011) reforça que, para ser efetivo, o currículo deve incluir práticas e saberes que expressem a ancestralidade africana em suas múltiplas dimensões.

Lélia Gonzalez (1988) e Azoilda Trindade (2011) complementam que o corpo negro, historicamente marginalizado, é também um território político de afirmação. Trabalhar o corpo e o movimento nas aulas de Educação Física significa resgatar a dignidade de uma história silenciada e transformar a escola em um espaço de resistência e visibilidade. Nessa perspectiva, Soares et al. (2021) defendem que a dança, ao integrar aspectos psicomotores e culturais, favorece uma educação física significativa e emancipadora, especialmente na infância.

A proposta curricular afrocentrada também se relaciona com a ideia de representatividade. Crelier, Silva e Da Silva (2017) observam que a visibilidade da mulher negra no esporte e na mídia ainda é limitada, o que reforça a necessidade de um currículo que assegure o protagonismo de diferentes corpos e expressões. Gonçalves e Silva (2023) sintetizam essa perspectiva ao afirmarem que a Educação Física deve ser um espaço que “não escolhe, mas acolhe”, reconhecendo a diversidade corporal como valor pedagógico.

Corporeidade, psicomotricidade e ancestralidade

A corporeidade, segundo Le Boulch (1983), é a base da construção da consciência e da relação do indivíduo com o mundo. O corpo é o primeiro instrumento de comunicação, de expressão e de significação. Em diálogo com essa concepção, Negrine (1984) e Soares et al. (2021) ressaltam que a educação psicomotora possibilita integrar o movimento, a emoção e o pensamento, favorecendo aprendizagens significativas.

Carlos, Soares e Da Costa Júnior (2025) demonstram que as práticas psicomotoras, quando contextualizadas culturalmente, ampliam as possibilidades de expressão e fortalecem o vínculo entre corpo e cultura. No caso das manifestações afro-brasileiras, essa relação é ainda mais profunda: o movimento dançado e ritmado é também memória coletiva e espiritualidade em ação.



Para Freire (1987), o corpo é lugar de diálogo e transformação. Essa leitura se aproxima de Fanon (1952), que identifica no corpo negro um espaço de resistência frente às violências coloniais. A educação que reconhece a corporeidade negra, portanto, é também uma prática de libertação. Gonzalez (1988) complementa que o corpo da mulher negra é símbolo de resistência e ancestralidade, carregando saberes que precisam ser reconhecidos e valorizados no ambiente escolar.

Trindade (2005) propõe uma pedagogia das diferenças, na qual o corpo é visto como mediador das relações culturais. Em consonância, Crelier e Silva (2018) e Gonçalves e Silva (2023) afirmam que as manifestações afro-brasileiras, quando integradas às aulas de Educação Física, fortalecem a autoestima dos alunos e promovem o respeito à diversidade. Essas práticas contribuem para a formação de sujeitos críticos, conscientes e culturalmente situados, reafirmando a corporeidade como dimensão essencial da aprendizagem e da cidadania.

PERCURSO METODOLÓGICO

Com base nas reflexões apresentadas no referencial teórico, este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica e documental de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa. O objetivo foi compreender de que forma a valorização da cultura afro-brasileira vem sendo incorporada às práticas pedagógicas da Educação Física escolar, a partir de produções científicas, legislações e referenciais teóricos da área.

Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa busca compreender os significados atribuídos aos fenômenos sociais, valorizando os contextos e as interpretações dos sujeitos. Essa perspectiva é coerente com o pensamento freireano, que entende a educação como prática dialógica, libertadora e culturalmente situada (Freire, 1987).

A revisão foi conduzida entre fevereiro e maio de 2025, a partir de consultas a bases de dados acadêmicas como SciELO, Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES, além de documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei nº 10.639/2003, que institui o ensino da história e cultura afro-brasileira na educação básica.



Foram utilizados descritores combinados em português: *educação física escolar, cultura afro-brasileira, currículo afrocentrado, práticas corporais, dança afro-brasileira, corporeidade e psicomotricidade*. A seleção dos materiais considerou publicações entre 2000 e 2025, abrangendo artigos científicos, dissertações, teses e capítulos de livros relacionados à temática.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos que abordassem a valorização da cultura afro-brasileira na Educação Física, as relações étnico-raciais, as manifestações corporais de matriz africana e a perspectiva psicomotora e curricular afrocentrada. Foram priorizados autores de reconhecida relevância no campo da educação e das ciências do movimento humano, como Paulo Freire, Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Petronilha Gonçalves e Silva, Lélia Gonzalez, Azoilda Loretto Trindade, Jean Le Boulch, Airton Negrine, e produções contemporâneas como Soares et al. (2021), Dos Santos & Soares (2021), Crelier & Silva (2018) e Gonçalves & Silva (2023).

Os textos foram analisados a partir de leitura flutuante e categorização temática, conforme a proposta de Bardin (2011), permitindo a identificação de três eixos principais de análise:

1. a valorização da cultura afro-brasileira e suas manifestações corporais;
2. o currículo afrocentrado e as práticas pedagógicas na Educação Física;
3. a corporeidade e a psicomotricidade como mediadoras da ancestralidade e da identidade cultural.

A análise interpretativa foi conduzida sob uma perspectiva dialógica e crítica, buscando articular os achados da literatura com as concepções de corpo, cultura e diversidade defendidas por autores clássicos da educação e das relações étnico-raciais. Assim, o estudo adota uma abordagem metodológica que reconhece o conhecimento como construção social, histórica e cultural, coerente com os pressupostos da pedagogia crítica (Freire, 1987; Gomes, 2005; Trindade, 2011).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dança como manifestação cultural

A dança, enquanto linguagem simbólica do corpo, reflete modos de vida, crenças e valores transmitidos entre gerações. No contexto afro-brasileiro, ela constitui um importante instrumento de resistência e preservação da memória coletiva. Como observa Munanga (1999), a cultura africana, ao ser transposta para o Brasil, assumiu papel central na formação da identidade nacional, mesmo diante das tentativas de apagamento histórico impostas pela colonização.

A inserção dessas expressões na escola amplia a compreensão dos estudantes sobre a pluralidade cultural brasileira e contribui para romper com visões eurocêntricas de corpo e movimento. Azoilda Loretto Trindade (2005) argumenta que reconhecer o corpo como território de identidade e diferença é condição fundamental para uma educação verdadeiramente democrática. Nesse sentido, a dança afro-brasileira, trabalhada nas aulas de Educação Física, permite que o aluno vivencie o corpo como lugar de pertencimento, ancestralidade e expressão.

Autores como Crelier e Silva (2018) defendem que a Educação Física deve ser um espaço que acolha a diversidade corporal e simbólica, favorecendo experiências pedagógicas que valorizem as culturas afrodescendentes. Quando o professor propõe vivências corporais que dialogam com a ancestralidade africana, ele mobiliza o que Freire (1987) denomina de “educação libertadora”: um processo de conscientização que reconhece o oprimido como sujeito histórico e criador de cultura.

Assim, a dança se consolida como meio de integração entre saberes e corpos diversos. Lélia Gonzalez (1988) acrescenta que o corpo negro carrega em si a marca da resistência, sendo espaço de luta e afirmação identitária. Ao se expressar por meio do movimento, o aluno reinterpreta sua história e fortalece sua autoestima — dimensões fundamentais para a educação das relações étnico-raciais.

A dança afro-brasileira



As danças afro-brasileiras — como o jongo, o samba de roda, o maculelê e a capoeira — articulam dimensões corporais, musicais e espirituais, representando a herança de comunidades africanas no Brasil. Essas manifestações, ao integrarem música, ritmo e coletividade, revelam uma pedagogia ancestral que antecede o formato escolar. Segundo Dos Santos e Soares (2021), o currículo afrocentrado busca justamente reconhecer e valorizar esses saberes, compreendendo a escola como espaço de diálogo entre a tradição e a contemporaneidade.

A capoeira, por exemplo, constitui uma das expressões mais completas da corporeidade afro-brasileira. Soares et al. (2016) destacam que ela combina jogo, luta, dança e música, simbolizando o enfrentamento às opressões históricas. Trabalhá-la em contexto escolar significa não apenas ensinar movimento, mas resgatar valores de solidariedade, respeito e resistência. De forma semelhante, o jongo — expressão de matriz banto — traduz a sabedoria popular transmitida pela oralidade, transformando o corpo em veículo de memória e espiritualidade (Aureliano et al., 2022).

Essas práticas também materializam o que Gonzalez (1988) denomina de “amefricanidade”: a fusão das culturas africanas e ameríndias que marca o ser brasileiro. Quando a Educação Física reconhece e trabalha essas expressões, ela fortalece a identidade cultural e contribui para combater o racismo estrutural. Conforme Trindade (2011), educar para a diversidade é educar para o reconhecimento mútuo — e o corpo, nesse processo, é o mediador da convivência e da empatia.

Além disso, as danças afro-brasileiras oferecem oportunidades de aprendizagem interdisciplinar, envolvendo elementos da música, das artes e da história. Crelier et al. (2017) e Gonçalves e Silva (2023) ressaltam que a representatividade negra ainda é limitada no esporte e na mídia, o que reforça o papel da escola como espaço de reconstrução simbólica. O ensino da dança afro-brasileira, portanto, transcende o gesto técnico e se torna um ato político, pedagógico e cultural de valorização do corpo negro.

A dança e as abordagens interdisciplinares



Intercontinental Journal on Physical Education

<http://www.ijpe.periodikos.com.br/>

A abordagem interdisciplinar das danças afro-brasileiras permite que diferentes áreas do conhecimento se encontrem na experiência corporal. Na Educação Física, essa prática favorece a formação integral dos estudantes, conectando o movimento a aspectos históricos, artísticos, sociais e emocionais. Como propõe Le Boulch (1983), a educação psicomotora é caminho para integrar corpo e mente, estimulando o desenvolvimento da consciência corporal e relacional.

Carlos, Soares e Da Costa Júnior (2025) demonstram que atividades psicomotoras contextualizadas pela cultura local promovem aprendizagens mais significativas, pois unem emoção, simbolismo e identidade. A inclusão das danças de matriz africana, nesse sentido, potencializa o desenvolvimento psicomotor ao mesmo tempo em que reafirma a ancestralidade. Para Freire (1987), esse processo reflete a essência da educação libertadora: aprender com o corpo, com a história e com o outro.

A interdisciplinaridade também favorece o diálogo entre Educação Física, Artes, História e Literatura. Ao relacionar o ensino da capoeira e do jongo às narrativas da resistência negra, o professor contribui para a formação de sujeitos críticos e culturalmente conscientes. Nilma Lino Gomes (2005) reforça que essa integração curricular é indispensável para o enfrentamento das desigualdades raciais, pois transforma a sala de aula em espaço de reexistência e empoderamento.

Por fim, Trindade (2005) defende que uma pedagogia das diferenças precisa partir da escuta e do reconhecimento das singularidades. As manifestações afro-brasileiras nas aulas de Educação Física representam exatamente isso: a celebração da diferença como potência educativa. Quando a escola valoriza o corpo como território de ancestralidade e cultura, ela contribui para a construção de uma sociedade mais justa, plural e solidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização da cultura afro-brasileira na Educação Física escolar representa mais do que uma adequação legal às Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008: constitui um movimento ético, político e pedagógico em direção à justiça social e ao reconhecimento das identidades



historicamente silenciadas. Como apontam Gomes (2005) e Petronilha Silva (2011), educar para as relações étnico-raciais implica revisar o currículo, os métodos e as próprias concepções de corpo e cultura que estruturam o fazer docente.

A análise bibliográfica e documental realizada neste estudo evidenciou que a inserção das manifestações afro-brasileiras — como o jongo, o maculelê, o samba de roda e a capoeira — nas aulas de Educação Física promove o diálogo entre ancestralidade, corporeidade e cidadania. Essas práticas permitem que o corpo se torne veículo de expressão e de memória coletiva, reafirmando o pertencimento e o orgulho das origens africanas. Conforme defendem Trindade (2005) e Gonzalez (1988), reconhecer o corpo como território de resistência é reconhecer a potência das diferenças como princípio educativo.

Paulo Freire (1987) já alertava que não há educação neutra: toda prática pedagógica é um ato político. Nesse sentido, trabalhar a cultura afro-brasileira na Educação Física é praticar uma pedagogia libertadora, que transforma o corpo em instrumento de consciência e diálogo. O professor, nesse contexto, torna-se mediador entre o saber popular e o saber científico, integrando o movimento à história e à identidade dos estudantes.

A interdisciplinaridade desponta como caminho fecundo para essa transformação. Ao articular a Educação Física com a História, a Música e as Artes, é possível criar experiências formativas que conectam o gesto à palavra, o ritmo ao conhecimento e a dança à crítica social. Essa abordagem amplia o papel da escola como espaço de convivência democrática, conforme defende Azoilda Trindade (2011), ao propor uma pedagogia das diferenças pautada na empatia e na escuta.

Os resultados desta revisão indicam que uma Educação Física afrocentrada contribui para o enfrentamento do racismo estrutural e para o fortalecimento da autoestima dos estudantes, especialmente daqueles que se reconhecem na ancestralidade africana. Como lembram Gonçalves e Silva (2023), uma Educação Física que não escolhe, mas acolhe, é aquela que compreende o corpo como expressão da diversidade humana.

Conclui-se, portanto, que valorizar a cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física é afirmar a vida em sua pluralidade. É reconhecer que o corpo, quando se movimenta, dança e resiste, também educa. E que educar, nesse sentido, é libertar — como ensinou Freire (1987)



—, resgatando histórias, afirmando identidades e construindo um futuro em que o respeito à diversidade não seja apenas um conteúdo curricular, mas uma prática cotidiana e emancipadora.

REFERÊNCIAS

- Aureliano, A. G., Soares, G. S., Borges, G. L., Filgueiras, I. P., & Freire, E. S. (2022). *Educação física e a valorização das culturas afro-brasileira e africana na educação infantil*. Revista África e Africanidades.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Brasil. (2017). *Base nacional comum curricular*. Ministério da Educação. <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- Carlos, A. J. P., Soares, R. A. S., & Da Costa Júnior, E. F. (2025). *Narrativas do vivido: A prática docente em atividades psicomotoras na educação infantil*. *Intercontinental Journal on Physical Education*, 7(1), 1–11.
- Crelie, C. M. S., & Silva, C. A. F. da. (2018). *Africanidade e afrobrasilidade em educação física escolar*. *Movimento*, 24(4), 1307–1320. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.85873>
- Crelie, C. M. S., Silva, C. A. F. da, & Da Silva, L. F. R. (2017). *Mulher negra, esporte e mídia: Resistência do quilombo ao pódio*. *Revista de Estudos Afro-Americanos*, 6(1), 46–58.
- Da Silva, C. A. F. (1998). *A linguagem racista no futebol brasileiro*. In Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física (pp. 394–406).
- Da Silva, C. A. F., & Devede, F. P. (2009). *Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 30(2), 189–204.
- Da Silva, J. E., & Da Silva, C. A. F. (2009). *Educação física, folclore e religião: Relações e interferências*. *Revista da Educação Física/UEM*, 20(4), 555–567.
- Da Silva, L. F. R., Da Silva, C. A. F., & Outros. (2017). *Aspectos relevantes sobre o racismo e a injúria racial no esporte: Caminhos de desconstrução*. Anais do Congresso Brasileiro de História do Esporte.
- Dos Santos, J. T., & Soares, R. A. S. (2021). *A importância do currículo afrocentrado nas aulas de educação física*. *Research, Society and Development*, 10(13), e27101321014. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21014>
- Fanon, F. (1952). *Peau noire, masques blancs*. Seuil. [Trad. port. *Pele negra, máscaras brancas*. Editora UFBA, 2008.]
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Gledson, M., & Ana Tereza, M. (2022). *Dança e cultura afro-brasileira na escola: um olhar interdisciplinar*. *Revista Práxis Educacional*, 18(2), 220–235.
- Godoy, A. S. (1995). *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57–63. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>
- Gomes, N. L. (2005). *Educação e relações étnico-raciais: Apostando na diversidade*. Autêntica.



Intercontinental Journal on Physical Education

<http://www.ijpe.periodikos.com.br/>

- Gomes, N. L. (2006). *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Autêntica.
- Gonçalves, C. H. R., & Silva, C. A. F. da. (2023). *Educação física que não escolhe, acolhe*. Movimento, 29, e29003. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.134087>
- Gonzalez, L. (1988). *Por um feminismo afro-latino-americano*. In R. Sarti (Org.), *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (pp. 9–20). Vozes.
- Hall, S. (1992). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.
- Le Boulch, J. (1983). *O desenvolvimento psicomotor da criança: Do nascimento até 6 anos*. Artes Médicas.
- Munanga, K. (1999). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Vozes.
- Negrine, A. (1984). *Psicomotricidade: Educação e reeducação*. Sagra Luzzatto.
- Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. (2011). *Relações étnico-raciais e educação: Desafios e perspectivas*. MEC/SECADI.
- Santos, K. B. dos, Bona, B. C. de, & Torriglia, P. L. (2020). *A cultura afro-brasileira e a dança na educação física escolar*. Motrivivência, 32(62), 105–126. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020v32n62p105>
- Soares, R. A. S., Et Al. (2016). *Representações de gênero no esporte e publicações em mídia impressa: Uma análise quantitativa*. Revista de Estudos Afro-Americanos, 6(1), 15–25.
- Soares, R. A. S., Et Al. (2021). *Dança, psicomotricidade e educação infantil: Revisão de literatura e considerações para uma educação física escolar significativa*. Research, Society and Development, 10(12), e530101220718. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i12.20718>
- Trindade, A. L. (2005). *Multiculturalismo, diversidade e formação de professores: Uma discussão necessária*. In J. F. Candau (Org.), *Cultura(s) e educação: Entre o crítico e o pós-crítico* (pp. 137–156). Vozes.
- Trindade, A. L. (2011). *Educação das relações étnico-raciais: Desafios e perspectivas*. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, 20(36), 69–84.

Recebido: 12/09/2025

Aceito: 20/10/2025

Autor Correspondente: Edson Farret da Costa Junior: edson.junior@ifrj.edu.br

Este trabalho está sob uma licença Creative Commons Attribution 3.0

